



S t a d i u m

N.º 72
19 DE ABRIL
DE 1944

MANUEL DIAS

célebre olímpico nos jogos de
Berlim, vai deixar a actividade

(Ler reportagem na pág. 12)

O dr. Carlos Moreira

inspector do Ensino Particular, afirma o seu aplauso à Campanha e aprecia os resultados da acção da «Mocidade Portuguesa»

Os problemas que a «Mocidade Portuguesa» agitou por intermédio da sua Campanha de Educação Física, e que forneceram à nossa revista a oportunidade para este inquérito, são de tão profundas raízes que interessam a todos os sectores da vida nacional e envolvem soluções só no alcance dos poderes públicos — e só possíveis de apontar por quem, em função dos cargos dirigentes ou orientadores que desempenha, possui elementos de contraprova, pelo exemplo das lições passadas e pelo conhecimento das circunstâncias presentes do meio.

A educação física dos novos, problema que vem sendo estudado de longe, conheceu, desde que pela primeira vez foi encarado a sério, tentativas diversas na forma de ser posto em equação: tentativas sempre reconhecidamente insuficientes por carência de profundidade, as quais há oito anos davam lugar à Organização da «Mocidade Portuguesa», cuja acção educativa se desenvolve em todos os sectores, mas que deu propriamente à educação física novos aspectos e novas directivas.

Conhecer os resultados desta acção influente, medir os benefícios e investigar as deficiências, eis o objectivo que nos propusemos e supomos poder alcançar pelo eclectismo do nosso inquérito.

Fala hoje um pedagogo experiente e cuja autoridade intelectual se reforça ainda pelo aval das altas funções que exerce. O sr. dr. Carlos Moreira, inspector do Ensino Particular, traz-nos precioso depoimento, relativo a um dos mais importantes sectores da educação nacional — sector vastíssimo e onde a «Mocidade Portuguesa» não pode exercer, com a mesma facilidade dos estabelecimentos oficiais, a sua obra de infiltração cultural.

«Stadium» foi recebida com desvanecedora afabilidade. Exposto o motivo da visita, também a gentileza do dr. Carlos Moreira se exteriorizou em pronta satisfação aos desejos do jornalista.

— Não podia ser mais expressiva — afirmamos logo após havermos exposto o assunto — a denominação do movimento que tão oportunamente a «M. P.» realiza. De facto, campanha é luta animosa, e esta, pelos fins a que visa, assume em boa verdade cunho nacional. A «Mocidade Portuguesa», inspirando-a e dando-lhe realidade, chama à colaboração mais íntima a família, a escola e os diversos organismos e entidades a quem cumpre, ou em justiça pertence prestar o seu contributo para a melhoria da nossa juventude.

— Apelo que certamente não deixará de ter eco, porque o ambiente actual é francamente favorável — não lhe parece, sr. doutor?

— Todos o sentem. Vão felizmente passados os tempos em que, salvo em raras organizações ou instituições, a educação física era apenas tolerada e com frequência adulterada. Faz-a-se dela o mesmo que da educação em geral: parcial, desconexa, com desvios de sentido e, por isso, improdutivo, senão prejudicial. E digo «como na educação em geral» porque também nesta apenas se procurava o objectivo de instruir; nem o aspecto físico nem o moral interessavam grandemente à pedagogia da época.

— Que não é a mesma da época em que vivemos...

— Hoje a educação tende a orientar-se e a desenvolver-se no plano que lhe assinou a lei constitucional do País e que se traduz, fundamentalmente, no equilíbrio de três actividades: revigoramento físico, aperfeiçoamentos das faculdades intelectuais e formação do carácter.

«Na consecução desse perfeito equilíbrio reside de certeza a aspiração de todos os que pretendem contribuir para uma educação sábia e proveitosa, portuguesa e cristã.

— Para bom entender, essas suas considerações valem o melhor argumento justificati-

tivo da Campanha, a qual procura contribuir para esse equilíbrio agindo sobre o mais desequilibrado dos factores...

— Eu comecei logo por afirmar-lhe que a Campanha assumia carácter nacional; tinha, portanto, depois, a conveniência de fundamentar o meu entender. Demais, a razão que a ditou e os fins a atingir foram lapidamente definidos na sua revista pelo ilustre Comissário Nacional, dr. Marcelo Caetano, assim como a sua conveniência e vantagens bem vincadas



DR. CARLOS MOREIRA

pelo director dos Serviços de Educação Física, professor capitão Marques Pereira.

Os serviços prestados pela «Mocidade Portuguesa» — inquirimos a seguir — já antes da campanha tinham sido fecundos no campo da educação física; estimáramos ouvir o vosso parecer sobre o que se passa, em especial, relativamente ao ensino particular.

— O aperfeiçoamento e desenvolvimento da educação física nos estabelecimentos de ensino particular — prossegue sem hesitação o dr. Carlos Moreira — accentuam-se de ano para ano e isso deve-se, na sua maior parte, ao esforço despendido pelos respectivos serviços da «M. P.» e da «M. P. F.», que trabalham em constante e íntima colaboração com os serviços desta Inspeção. A escolha dos professores, dentro dos diplomados, e a execução dos programas de educação física no ensino particular estão já, em grande parte, a cargo da «Mocidade Portuguesa», a qual promove e fiscaliza as respectivas actividades, conseguindo aproveitamento e harmonia de conjunto que, antes da sua intervenção, nunca se havia obtido neste sector.

Um momento de paragem a reflectir, e acrescenta:

— Pena é que o número de professores disponíveis, em condições de profícua actividade, seja ainda insuficiente para as necessidades dos estabelecimentos de ensino particular e, fora dos grandes centros populacionais, se não tenha ainda tornado possível obter as condições materiais indispensáveis para o seu recrutamento e manutenção.

— Dentro dos recursos de que dispõe, e que todos, como V. Ex.ª, reconhecem aliás insuficientes para a obra vastíssima que se lhe enfrenta, considera profícua a acção passada da «Mocidade Portuguesa»?

— Não oferece dúvidas — e sob variados aspectos: acção orientadora, que já referi; acção também de estímulo, traduzida, por exemplo, pelas concentrações e desfiles dos filiados alunos do ensino particular, umas vezes

COM a chegada da primavera os campistas iniciaram mais intensa actividade, preparando-se para os dias de vida ao ar livre que pensam aproveitar.

Estão já projectados inúmeros acampamentos e, mercê da boa propaganda que no ano passado animou o campismo, a modalidade conta novos adeptos, tal é o interesse verificado nos núcleos campistas.

Neste aspecto conta-se com o entusiasmo dos rapazes da «Mocidade Portuguesa» e dos esportistas. A juventude dá assim belo exemplo, animando os que dispõem de menos a vontade para experimentarem a pratica do salutar desporto.

No desejo de conseguirem ainda mais ampla propaganda sobre os benefícios do campismo, os grupos de Lisboa formaram uma comissão constituída por um representante de cada grupo, denominando a de «Mensagem campista». A sua finalidade é divulgar por palestras e exposições o que significa e como deve ser praticado o campismo, dando conselhos e ensinamentos para que a modalidade conte maior número de simpatizantes — mas seriamente integrados em bons princípios de educação e desportivismo.

A secção de propaganda da «Mensagem campista» — que vai organizar brevemente o

(Continúa na pág. seguinte)

sós, outras em competição com os dos estabelecimentos oficiais; pelos campeonatos nacionais e provinciais, em que aqueles filiados têm conseguido vitórias apreciáveis; e, para me referir já às actividades do ano lectivo corrente, pela realização da prova «Insignia colectiva de gymnástica», que foi muito concorrida e disputada entre os Centros Escolares do Ensino Particular.

— Os resultados, tal como os aponta, parecem mostrar perfeito acôrdo entre a acção influente da «Mocidade» e o interesse acolhedor dos organismos escolares?

— É de justiça, com efeito, sublinhar o interesse crescente que os directores, professores e alunos dos referidos estabelecimentos estão a tomar pelas actividades de educação física da «Mocidade Portuguesa», a ponto de alguns directores, que de bom ou mau grado se limitavam ao cumprimento da obrigação de dar os programas, se terem transformado em colaboradores entusiastas destas actividades, acompanhando os seus alunos nas competições de que participam e não ocultando o seu contentamento em face dos triunfos obtidos.

— A influência persuasiva da «Mocidade Portuguesa» teve, então, preciosas virtudes: convenceu educadores e arrastou os educados na esteira das suas organizações e actividades!

— A juventude evoluiu em melhoria evidente sob o impulso animador da Organização Nacional da «Mocidade Portuguesa», nomeadamente no sector da educação física, ao qual se deve, em suma, o crescente apuro e desembaraço que se vai notando na população do ensino particular, onde avultam já exemplos dignos de nota, não sendo talvez ocioso asseverar que os meus «serviços» já por vezes se têm aproveitado dessa «maré alta» para sugerir aperfeiçoamentos que, noutros sectores, se julga conveniente realizar.

A entrevista chegou ao fim. Com o apêto de mão de despedida, o dr. Carlos Moreira ainda acrescentou, convicto:

— Empresas como a da educação integral e activa da Mocidade exigem saber, inteligência e coração, quer dizer, consciência de responsabilidade, compreensão, carinho devotado! Dentro do vasto e importante departamento do Ensino Particular, contamos que as vontades já afirmadas por muitos dos seus agentes se alarguem e intensifiquem em estreita e dedicada colaboração com as Organizações da «Mocidade», fundadas para servir a Pátria no mais essencial da sua continuidade e da sua renascente grandeza — a educação dos que hão-de ser os homens e mulheres de amanhã!

SALAZAR CARREIRA

O 50.º aniversário do Comité Internacional Olimpico

AINDA que anos antes a imaginação de Pierre de Coubertin trabalhasse a ideia do renascimento dos Jogos Olímpicos, só em 1894 tomou vulto e se materializou numa reunião realizada em Sorbonne, com assistência dos delegados de Grécia, França, Rússia, Itália, Holanda, Inglaterra, Austrália, Bélgica, Espanha, Suécia, Boémia, Húngria e América do Norte.

Passados os primeiros tempos e vitórias graves lutas de carácter político, o sonho do barão de Coubertin foi-se engrandecendo, sucessivamente, como realidade viva e aliciente: Atenas (1896), Paris (1900), S. Luís (1904), Londres (1908), Estocolmo (1912), Anvers (1920), Paris (1924), Amsterdam (1928), Los Angeles (1932) e Berlim (1936).

A guerra de 1914-1918 forçou à paragem de 1916. O conflito de hoje fez com que falhassem os Jogos de 1940 e 1944.

O olimpismo, como movimento essencialmente de paz, só a guerra pode tomar-lhe o passo. Isto não é o mesmo que vencê-lo.

O futuro provará que as aspirações de confraternização mundial da juventude, contidas na ideia olimpica, não haverá guerra, por mais prolongada e feroz, que as destrua. As forças que comandam o desejo tão humano de proporcionar à mocidade dos quatro cantos do mundo um encontro periódico, para confronto saudável da sua alegria e das suas energias, mantêm-se tenras e prontas a refundir sentimentos de aproximação e estima. A prova melhor desta consoladora certeza dá-a o Comité Internacional Olimpico, levando por diante a decisão, tomada há muitos anos, de se festejar este ano o 50.º aniversário do olimpismo moderno.

Lausanne, sede do C. I. O., será o centro daquela comemoração. O alto corpo dirigente do olimpismo, a que preside, actualmente, I. S. Edström, grande amigo de Portugal, dirigiu já convites para a reunião de Lausanne aos presidentes dos comités nacionais.

Além, propriamente, da reunião de Lausanne, os comités nacionais promoverão, no limite das possibilidades impostas pelas circunstâncias, manifestações com o mesmo significado comemorativo.

O comité português, que serve o ideal olimpico desde 1910, cumprirá também as instruções dadas pelo C. I. O. a todos os países. Um programa simples mas expressivo foi elaborado e está a cumprir-se.

No sábado efectuou-se o banquete de homenagem ao primeiro representante do C. I. O. em Portugal, o distinto clínico D. António de Lancasire, e aos membros do 1.º Comité, entre os quais figuravam Guilherme Pinto Basto, dr. Francisco Pinto de Miranda, dr. António de Sá e Oliveira, Duarte Rodrigues, António Pinheiro, dr. António Osório, Daniel Queirós dos Santos e dr. José Pontes, actual representante do C. I. O. e presidente do Comité Nacional.

No dia 25 realizou-se, na sede do Comité, uma sessão de homenagem à memória do conde de Penha Garcia. Em ambas as manifestações tomarão parte os presidentes das Federações desportivas.

Ainda este mês, na Sociedade de Geografia, se fará também uma grande sessão de cunho olimpico, onde será recordada a figura de mestre Luiz Monteiro.

Para os meses seguintes, cuida o Comité Olimpico Português de outras manifestações de carácter desportivo, desejando associar a todas não só os organismos dirigentes do desporto como os antigos atletas olimpicos, no propósito de consolidar o espírito olimpico, preciso ao renascimento de sentimentos de camaradagem, tão comprometidos nos últimos tempos.

PUGILISMO

Qual é o valor energético de um sôco?

Estudo de RAFAEL BARRADAS

A celebridade que muitos pugilistas profissionais alcançaram no ringo pode atribuir-se às vitórias fulminantes conquistadas à custa de adversários robustos e combativos.

A imaginação popular conserva gravados os nomes de Jack Johnson, John Sullivan, Jack Dempsey e Joe Louis, tanto pelas perícias, mais ou menos lendárias, das suas carreiras, como pelo poder electrizante dos seus golpes.

A força com que iam animados os punhos de tantos hercules do quadrângulo, ao fazer tombar os seus contrários, parece sobrenatural e sobrehumana. Avaliá-la, compará-la com medidas-padrão que permitam o seu conhecimento aproximado, não deixa de possuir interesse, tanto mecânico como fisiológico.

Haverá algum modo, ou processo, não diremos de encontrar exactamente a cifra em unidades dos sistemas de medição em uso, mas, quanto mais não seja, de obter uma referência lógica e provisória da força-viva do sôco, no instante do impacto?

Evidentemente que sim. O estudo deste problema, ainda não efectuado entre nós, exige certo número de considerações prévias e de hipóteses.

Em primeiro lugar, temos de reunir os tipos de sôco em dois grupos: os directos, que percorrem o caminho mais curto e que são o jab, o directo esquerdo e o directo da direita; e os curvos, que têm trajetória curvilínea, tais como o hook, o cross, o swing e o uppercut. Os golpes do segundo grupo, em particular

o swing, são mais lentos que os do primeiro. O uppercut emprega pouca quantidade de massa; o cross é de trajetória algo limitada e, por fim, o hook compara-se ao directo da direita, se não em rapidez, pelo menos na força-viva com que vai animado.

Segundo as leis da mecânica física, o semi-produto da massa em movimento pelo quadrado da velocidade de translação representa o valor energético do punho.

Resta, pois, avaliar esses dois factores, velocidade e matéria orgânica, considerando, ainda, o alvo imóvel ou animado de certo movimento uniforme, que tanto pode ir, vir ou cruzar-se com o golpe que o atinge.

Estudo do factor velocidade

O professor G. Demeny, utilizando aparelho eléctrica, conseguiu determinar o tempo que se despende a executar um «directo», avaliando-o em $\frac{1}{50}$ do segundo. Atribuindo ao espaço percorrido pelo punho o valor de 80 centímetros (o que, nalguns casos, será de mais...) obtém-se para a velocidade do movimento 5 metros/segundo.

Desconhece-se o indivíduo ou indivíduos que serviram a Demeny para exemplar de estudo e estamos convencidos de que Georges Carpentier teria um «directo» muito mais veloz, da ordem de $\frac{1}{30}$ e, por conseguinte, a rapidez seria de 6,5 metros/segundo...

Admittimo, no entanto, o valor de 5 metros/segundo como termo médio.

Estudo do factor massa

Este factor não pode ser apreciado com tanta facilidade, à priori, e sobre ele executaremos algum raciocínio.

Assim, o jab é o sôco mais isento do emprego da massa. As articulações escápulo-humeral e esterno-clavicular permitem a sua execução sem o menor movimento do resto do corpo. O directo da direita, autêntica estocada do punho, esse leva grande parte do peso do jogador atrás de si e entre os dois limites convém estudar o assunto.

Considerações que não vêm para agora levam-nos a julgar que, no caso mais favorável, cerca de $\frac{1}{4}$ da massa orgânica do pugilista intervém na execução do sôco.

Na posse destes dois valores é fácil, então, conhecer o valor energético de um golpe nos queixos ou em qualquer outro lugar.

Supondo, por exemplo, Jack Dempsey, vejamos quais são os elementos característicos: velocidade = 6 metros/segundo (rapidez comparável à de Carpentier)

$$\text{Massa} = \frac{1}{4} \cdot \frac{92}{9,8} = 23 \left(\begin{array}{l} \text{Peso do jogador} = 92 \text{ kg} \\ \text{aceleração da gravidade} = 9,8 \text{ metros} \end{array} \right)$$

A força viva do impacto será:

$$\frac{1}{2} m \cdot v^2 = \frac{1}{2} \cdot \frac{23}{9,8} \times 36 = 41,8 \text{ quilogrametros.}$$

Isto equivale ao choque de um objecto com peso de 42 quilos, que tombasse da altura de um metro, sobre o queixo de qualquer prestimoso cidadão...

Todavia, o golpe em «contra», isto é, estando o pugilista atingido em movimento de sentido oposto ao sôco que o surpreende, tem muito maior poder.

Supondo a velocidade desse movimento igual a 2 metros por segundo, o referido golpe terá uma velocidade relativa igual à soma das duas velocidades, do punho e do alvo. Será então 6 mais 2 igual a 8 metros/segundo. A força-viva do choque expressar-se-á assim:

$$\frac{1}{2} \times \frac{23}{9,8} \times 64 = 74,24 \text{ Kgm.}$$

Como os nossos leitores estão verificando, trata-se de perto do dobro da energia. Concedemos que já não nos surpreendem os knock-outs fulminantes e aterradores mas, pelo contrário, a enorme resistência do organismo humano...

CAMPISMO

(Conclusão da pág. anterior)

«Acampamento da Primavera» — de que fazem parte os representantes das secções do Campo de Ourique e do Grupo Desportivo dos Tabacos e dos grupos de campismo «Lusitano» e «Ar Livre», iniciou já os seus trabalhos. Assim, nas salas do G. D. dos Tabacos e do Campo de Ourique efectuaram-se exposições de material campista, que tiveram farta concorrência de visitantes. Os recintos das exposições estavam decorados com gualhardetes dos grupos campistas, fotografias e ilucidativos gráficos. Vários tipos de tendas e outros utensílios para uso do campista, compunham o arranjo das salas, salientando-se uma tenda especial, tipo semi-candiana — com a novidade de ter sido confeccionada com menos pano do que qualquer outra, embora com as mesmas vantagens — e que foi apresentada pelo campista sr. Júlio Coelho.

Durante o período das exposições efectuaram-se algumas palestras, proferidas pelos srs. Santos Ferreira, do Clube Nacional de Campismo, e dr. Pina Lopes, e pela sr.ª D. Maria Luísa Louro, nas quais aludiram largamente às vantagens e benefícios do campismo.

Também no centro n.º 37 da «Mocidade Portuguesa», instalado na Escola de D. Filipa de Vilhena, se efectuou uma exposição mostrando-nos tudo quanto deve ser observado para a completa e saudável vida ao ar livre. Curiosas duas ministuras dos acampamentos que os filiados daquele centro fizeram na mata da Caparica, em 1942 e 1943, constituindo bom ensinamento de como deve ser um acampamento bem organizado.

MÓVEIS JOAL
DESENHAM, EXECUTAM E DECORAM
Av. Almirante Reis, 233-B (Carro do Arfêiro)
TELEFONE 4 4033
L I S B O A

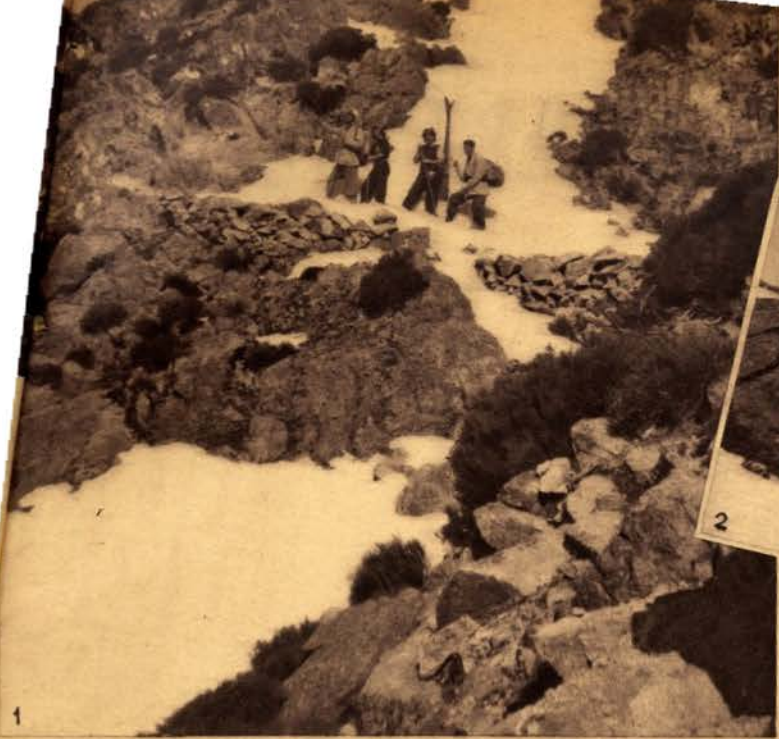
TENDAS
e todo o material portátil para a prática de
CAMPISMO
VIEIRA CAMPOS
(ANTIGA CASA FIGUEIREDO)
215, R. da Prata, 217 LISBOA



ACONTECIMENTOS DA SEMANA

O CINQUENTENÁRIO DO OLIMPISMO MODERNO: 1 — Os convivas ao banquete de homenagem ao dr. D. A. António de Lancastre. AVIAÇÃO: 2 — A reunião dos cinco sobreviventes do grupo dos dez pioneiros da Aviação em Portugal: António Maia, Francisco Aragão, Cifka Duarte, Lelo Portela e Esteves Beja, acompanhados do comandante Grey. BILHAR: 3 — Alfredo Alinho, vencedor no «Torneio de Classificação ao quadro 45/2», acaba de receber das mãos do sr. coronel Joaquim Azevedo, presidente da A. P. A. B., a taça que conquistou (ler crónica e tabela de médias no próximo número da «STADIUM»). NA FEDERAÇÃO DE ESGRIMA: 4 — A posse dos novos corpos gerentes, efectuada há dias. TENIS DE MESA: 5 — A equipa de «Os Combatentes», vencedora do Campeonato de Lisboa. CAMPISMO: 6 — Curioso aspecto da exposição no C. A. Campo de Ourique





A beleza do Inverno...

NEVE NOS MONTES HERMÍNIOS!

○ delicioso espectáculo da Serra da Estrêla coberta de neve é ainda pouco conhecido da maioria dos portugueses.

Nesta página damos alguns aspectos colhidos durante a excursão que parte dos componentes da Caravana Campista de Lisboa — um pequeno núcleo de entusiastas pelo campismo, que o cultiva com ardor e método — fizeram àquela serra, durante a Páscoa. O grupo era formado por sete excursionistas, os srs. Fernando Pereira e sua esposa, D. Maria das Dóres Pereira; Alexandre Alves, também com sua esposa, D. Carolina Alves; e Leopoldo Gomes da Silva, que se fazia acompanhar igualmente da esposa, D. Deolinda Gomes da Silva, e de seu filho Fernando.

As gravuras mostram: 1—No Espinhaço do Cão, a 1.700 metros de altitude, na escalada para a abrupta passagem dos Cântaros; 2— Junto do Covão do Bol, um dos esquiadores disfruta o panorama do cume de um penhasco; 3— Ainda no Covão do Bol, a caminho dos 2.000 metros, avistando-se a longínqua serra da Gata, para lá da fronteira espanhola; 4— Na Torre, junto do marco geodésico colocado no ponto mais alto de Portugal; 5— Na pista dos Piornos, Fernando Pereira desliza veloz, numa prova de esqui; 6— A 2.000 metros, durante uns instantes de repouso, D. Maria das Dóres Pereira dedica-se a um dos prazeres permitidos pela neve: a «escultura» do tradicional boneco...

(Fotos gentilmente cedidas pelo amador sr. Fernando Pereira)



Comentando a 1.^a "mão" dos oitavos

UMA IDÉIA DOS 8 DESAFIOS — RESULTADOS NORMAIS E ALGUMAS SURPRÊSAS

Por TAVARES DA SILVA

DEPOIS do bom tempo vem, em geral, a tormenta. E a tormenta é o jogo a eliminar, aquele que transforma a derrota num mal sem cura. Ora, esse mal, com as *celebradas duas mãos*, sobre que tanto falámos no passado, e em que insistimos no presente, está arrumado e disposto de maneira a emprestar a um torneio, que deve tudo à sorte, o máximo de regularidade. Porque, estas competições: o Campeonato Nacional e Taça de Portugal, são duas lutas que se prendem, completando, na sua fórmula pura, a do ano passado. Salvar, numa, o que a outra não tinha, e vice-versa. De sorte que desta feita e neste ano, com o regresso ao passado, voltou a aproximar-se mais os dois campeonatos, do que aquilo que deveria ser. Além do regresso à lei das retardações.

Já se disse qual o argumento invocado pela Federação de Futebol para assim proceder. Nada mais nada menos do que datas disponíveis, e possibilidades económicas em vista, portanto. É claro que, esta razão, sendo uma razão, não colhe. A nossa Federação não pode limitar-se ao papel material de organizadora de campeonatos, compete-lhe fazer mais alguma coisa, trabalhando, não à superfície mas em profundidade, inovando e lançando alicerces para o futuro. Porque, a verdade é esta: nunca houve em Portugal um tão bom momento. O que se tem feito entre nós a favor da expansão e do aperfeiçoamento do jogo? — Quasi nada. Hoje, como ontem, a mesma rotina — confrangedora.

Ainda há pouco ouvimos afirmar, e a pessoas avisadas, dessas que dirigem sem nunca se dar ao trabalho de abrirem um livro do jogo, que os resultados da 1.^a mão dos oitavos não interessam, e que tudo se passará pelo melhor. Bom, poderá acontecer que semelhante optimismo, natural em adeptos que costumam ver o seu clube ganhar, desapareça no próximo domingo. E assim o desejamos sinceramente. O ideal, ao que contrário do que pensam muitos entendidos, é que o primeiro possa perder com o último. Possa... simplesmente. A primeira jornada diz-nos que o céu tem nuvens para todos. Verdadeiramente, poucos devem julgar-se seguros. E, alguns dos que assim se julgam, podem ficar-se ou ser surpreendidos.

Vejamos os resultados: Pôrto 2-Sporting 0; Luso de Beja 1-Benfica 4; Atlético 0-Belenenses 2; Unidos de Lisboa 2-Estoril 3; Académica 6-Salgueiros 2; Vitória de Guimarães 4-Vila Real 1; União de Coimbra 4-Olhaneense 0; Farnalção 0 Vitória de Setúbal 2. Evidentemente, e isso interessa muito, importa ver os números tendo em conta os campos em que os encontros se disputaram, tal qual dêmos os resultados, nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.

Uma vista de olhos sobre o conjunto diz-nos que, Lisboa, aparentemente bem, está peor colocada do que seria flicto esperar. O próximo desafio das Salésias deitará para fora um representante lisboeta, e por outro lado, o campeão nacional (Sporting) também poderá ser abtido. A confirmar-se esta hipótese, a representação de Lisboa, embora com três clubes, sofrerá um forte abalo.

Coimbra e Setúbal parecem ser as Associações, de menor número de representação, com mais repouso, não sendo natural que a 2.^a mão as esbulhe. A luta continuará muito acera entre o Vitória de Guimarães e o Vila Real (3 goals de diferença), e entre o União de Coimbra e o Olhanense (4 goals de diferença) pois, qualquer, dos vencidos ainda não deitou para o monte a sua última carta, e bem poderá ser que ela seja o maior trunfo do baralho. Enfim, a luta apresenta-se muito dura. Pois apesar das *duas mãos* — sorteio também exercerá a sua influência. E, bem poderá suceder, mesmo contra a vontade da organização, que o sorteio leve as grandes jornadas do futebol às cidades da Província.

Em Lisboa, o jogo principal disputava-se na Tapadinha, e lá fomos. Era de aguardar, um jogo de regular qualidade.

Manda a verdade, no entanto, que se diga que, na hora e meia da Tapadinha, dificilmente conseguimos descobrir um movimento de conjunto que se visse, ou um golpe pessoal a ter em conta.

Dos dois, o Belenenses foi o menos mau. Sem dúvida, a sua superioridade foi inconteste, no comando da partida, em organização como grupo, e no conjunto dos valores, ou unidade por unidade. Sobretudo na segunda parte, a vantagem belenense teve a nitidez das coisas que decidem. Sendo assim — perguntar-se-á — qual a razão porque os números não atingiram esse significado?

Fácil resposta. A um grupo como o Atlético, em que os jogadores põem tudo na luta mesmo quando jogam mal, não nos parece fácil ganhar por muitas bolas, e no seu próprio campo. O que acontece, como sucedeu, é o jogo resultar impreciso, de meia bola e força, e feio.

A causa principal do abaixamento de forma do Atlético é evidente. Tendo, o team, na linha média a sua principal força, torna-se evidente que tudo depende do seu labor. Todavia, o esforço que vinha realizando a linha medular não se podia prolongar indefinidamente. O médio-centro não deu o rendimento, nem a pálida sombra, do que costuma dar. E, dos laterais, poder-se-á afirmar o mesmo. Como consequência o grupo caiu — sem consistência na defesa, nem fulgor na frente. E, uma falta de convicção

a toda a prova. Nem parecia o mesmo grupo do Campeonato Nacional.

Pelo contrário, o Belenenses, com o regresso de Feliciano e Serafim, sobre outra vez, organizando-se convenientemente. Nós somos daqueles que, lesões curadas, continuamos a acreditar no grupo de Belém. Enganados? Ora aí está uma coisa que somente o futuro poderá indicar.

A derrota do Sporting representa a consagração da renovação e da sua fase, operada no Futebol Clube do Pôrto. Insistindo num grupo, desde que os jogadores sejam inteligentes e habilidosos, chega-se geralmente a uma boa conclusão. Tudo indica, portanto, que a actual formação do Pôrto já esteja cimentada, isto é, que o grupo haja atingido a necessária penetração e entendimento. Porque, chegada essa altura, o resto é o mais fácil de adquirir. Vem com o tempo, e mais do que com os ensinamentos do treinador, com os ensinamentos dos próprios jogos. Quando vimos, mais ou menos, este grupo do norte no início da sua carreira, compreendemos que o que faltava principalmente era o calo e a experiência da luta, e ainda ciência adquirida no combate.

A vitória do Pôrto parece-nos tanto mais notável quanto é certo ter o Sporting atingido bom nível de jogo, e até, segundo rezam as crónicas, tomado ascendente. Como balanço da partida, pode afirmar-se que os leões dominaram territorialmente durante o primeiro tempo, e não perderam o chamado fio do jogo até o momento em que o Pôrto se pôs em vencedor. Mesmo, dessa altura em diante, o Sporting não deixou de atacar, em rasgos, mas a verdade é que então já se impunha o entendimento do Pôrto em termos de ser o melhor grupo em campo.

De resto, é nosso convencimento que o ataque do Pôrto, em tarde de desenvolvimento pleno, dará muito que fazer a qualquer defesa. O Sporting, no bom período do Pôrto, sentiu os efeitos, desunindo-se um pouco. Araújo, é um jogador dinâmico, de reais qualidades e possibilidades, que, juntamente com a experiência de Sousa (Pinga) e o entusiasmo de Lourenço e Faria, poderá chegar a esplêndida tarefa.

É certo que, o Sporting, tem atenuantes, sendo a principal a amalgama da linha da frente apresentada no Lima. Porque, a formação da linha média nem sequer assim poderá considerar-se, pela simples e única razão de que assim, no entender dos organizadores do grupo, é que está bem. Vê-se pela insistência. Mas, os teams devem estar preparados para suportar a inexorável lei das lesões. O contrário não se justifica, nem se compreende.

O encontro de Beja, sendo de competição, teve o carácter de exibição por parte do Benfica que, do primeiro ao último minuto, tomou ascendente, dominando o adversário e as condições do tempo.

Com o vento contra, o Benfica deu-se aos chamados movimentos com a bola em cima do terreno, desenvolvendo futebol do melhor quilate. Assim, a luta foi sempre seguida com indiferença pela grande assistência de Beja, tanto mais dando, como de facto deram, os rapazes do Luso, boa conta de si, no capítulo de energia. O seu sector defensivo, dado o carácter de ataque benfiquense foi o mais posto à prova. Saído-se airoso do caso.

O resultado de 4-1 justifica-se pelo mau remate do Benfica. Na segunda parte, os 1 sbocetas alteraram a sua formação, passando Pessoa Duarte para o lugar de Francisco Ferreira, ocupando este o lugar de interior esquerdo. Também, Espírito Santo trocou com Julinho.

O Estoril arrançou no Lumiar A uma vitória que lhe pode ser preciosa para continuar na competição. A vitória, foi adquirida com certa dose de sorte. Mas, isso, é um pormenor de um jogo que se chama futebol, e em que é vulgar ganhar aquele que deveria perder, ou vice-versa. No desafio em questão, um acidente, o do médio-centro do Unidos, diminuiu sensivelmente as possibilidades do grupo que acabaria por ser vencido.

O Estoril aproveitou bem esse precalço, para se dar a uma tarefa de ofensiva que o Unidos suportou como pôde. Ou, por confiadões, ou por outra qualquer circunstância, o

«STADIUM» aconselha
para depois do futebol...

Uns aperitivos nas

BERLENGAS

todos os mariscos e cerveja

R. Barros Queiros, 35

A CENTRAL DA BAIXA

Restaurante — Pastelaria — Salão de chá

A casa mais indicada, no seu género,
para se jantar depois do futebol

R. do Ouro, 94-98 — R. Sapateiros, 33-37

Gostou do futebol?

Então também vai gostar de jantar no

CAFÉ SUISSO

Largo D. João da Câmara

OLIMPIA CLUBE

oferece-lhe umas horas de agradável prazer com a orquestra

ABEL REZENDE

certo é que os homens do Estoril, na segunda parte, se deixaram suplantar pelo Unidos, um team que organizou bem os seus movimentos, sobressaindo o labôr de Armando Carneiro, em tarde magnífica. O Estoril venceu, no fim e ao cabo, pelo seu melhor remate, e tanto importa.

O União de Coimbra, equipa de tradições no futebol, forneceu a surpresa da jornada, vencendo o Olanense por um resultado expressivo e significativo. Nada fazia prever semelhante derrota, nem sequer os remendos postos no grupo.

Mas o Algarve foi um exemplo frís nte de inadaptação às condições do terreno, não sabendo ainda adoptar a tática de resposta ao adversário.

Chovendo como chovia, estava indicada a passagem comprida e o jogo por alto, para a bola não se prender no terreno. Jogando o adversário em velocidade impunha-se responder também com a rapidez de movimentos. Ora o Olanense jogou ao contrário: vagarosamente, em passes rasteiros e curtos, com demoras e prisões de bola. De sorte que a habilidade dos seus interiores, em vez de qualidade transformou-se em defeito. O União venceu com inteiro merecimento. Com energia e vontade. E sempre com rapidez. E com decisão em frente das rédes.

A Académica conseguiu um bom triunfo no campo do Salgueiros. O jogo, pelas informações colhidas, não foi de qualidade. Qualquer dos grupos jogou menos e fez menos do que aquilo que pode jogar e fazer.

O Salgueiros jogou com entusiasmo e com decisão, mas confusamente, sendo raros os ataques ligados. A Académica exibiu-se com muito mais serenidade, com o que consciente da sua superioridade. Vencendo nitidamente — pelo seu melhor remate. Há, na verdade, na linha de ataque da Académica Lemos reapareceu no posto do eixo do ataque! homens de bom remate. E tal, é, ainda, excelente qualidade.

O Vila Real, no próximo contacto com um grupo de categoria, Vitória de Guimarães, não deu a impressão que, possivelmente, se aguardava. A verdade é que o caso tem fácil explicação. Acostumado a lutas de pouco vulto, e sem a experiência que advem das contendas, não admira que o grupo se ressentisse no seu conjunto e nos seus fundamentos. Estamos certos que os dirigentes e o treinador do Vila Real nem reconheceram o seu grupo. Mas isso não admira. Sucede a outros de melhor pólpá — quanto mais a um modesto clube, embora valeroso, que passa a vida quasi sem lutas.

A toada da primeira parte foi caracterisadamente de equilíbrio. Depois, o Vitória insistiu, instalando-se no campo do adversário. A defesa do Vila Real viu-se, então, feita. O grupo de Guimarães, apesar de desfalcado, produziu uma boa exibição.

Pode afirmar-se que a partida disputada em Famalicao foi interessante. Ambos os grupos puseram na luta o maior entusiasmo, energia e calor. O Famalicao mostrou a fraqueza do seu ataque, e, ainda, o seu quasi nulo poder de realização. Em frente das rédes, os atacantes baralhavam-se, nunca atirando em condições de êxito. Pelo contrario, os jogadores do Vitória de Setúbal foram essencialmente práticos, fazendo apenas as passagens necessárias para chegarem à zona do remate, e uma vez aí a bola não deixava de ser rematada. Como grupo, no conjunto, não há dúvida que o Vitória (Setúbal) demonstrou a sua superioridade. No entanto, o Famalicao portou-se com brio.

Não é demais insistir no seguinte ponto. Que se trata dum torneio inteiramente diferente do Campeonato Nacional. Sob outra fórmula — pósto que com os mesmos propósitos. Deve ter-se em conta que há clubes mais adestrados que outros para este género de competição. Mesmo teams que, pelas suas características, se dão melhor neste campeonato que noutros. O desenvolvimento do torneio demonstrá-lo-á.

Doutra coisa não há dúvida. Que a «Taça de Portugal» é uma prova popular. E com muitos atractivos.

UMA INICIATIVA DA «STADIUM» EM FAVOR DO ATLETISMO PORTUENSE

Magnifica palestra do dr. Salazar Carreira proferida na sede do Futebol Clube do Pôrto

DENTRO da campanha pró-atletismo, que a nossa Revista tem desenvolvido com todo o carinho e entusiasmo, coube-nos uma nova iniciativa, esta agora em favor da modalidade do Norte, onde atravessa crise de certo modo grave.

Aproveitando a ida ao Pôrto do nosso querido camarada dr. Salazar Carreira, promovemos naquela cidade uma reunião, que teve lugar na sede do F. C. do Pôrto, e durante a qual o nosso querido colaborador proferiu uma interessante palestra, focando o estado actual do atletismo português e o caso especial do atletismo norteño.

O êxito da nossa iniciativa não podia ter sido mais completo: uma avultada assistência, que enchia literalmente o ginásio do F. C. do Pôrto, ouviu interessada o imprompto atletismo do dr. Salazar Carreira. Estamos certos de que as palavras do nosso prezado colaborador — escutadas religiosamente, como foram vão ter influência seria e salutar na contribuição para um futuro melhor do atletismo norteño.

A reunião que tomámos a iniciativa de organizar, de colaboração com o F. C. do Pôrto, foi presidida pelo presidente deste clube, sr. dr. Cesário Bonito, e tinha à sua direita o nosso camarada Mário de Oliveira, a representar a Direcção do STADIUM, e o sr. Roberto Machado, técnico prestigioso do atletismo portuense, a quem este muito deve; e à sua esquerda o dr. Salazar Carreira e o nosso camarada Eduardo Soares. Nos lugares de honra vimos Luís Retumbo, António Mesquita e A. Gonçalves, pela Direcção do F. C. do Pôrto, Aníbal Marques, da Associação de Handball de Lisboa, Rodrigues Teles, Joaquim Moreira Júnior, etc.

A abrir a sessão, o sr. dr. Cesário Bonito alocutiu a nossa iniciativa pró-atletismo e teve palavras muito amigas para com a STADIUM. Em seguida, o nosso camarada Eduardo Soares apresentou o dr. Salazar Carreira, servindo-se destes termos:

«Apresentá-lo a V. Exas., é tarefa desnecessária — eu sei. Toda a gente conhece em absoluto as suas qualidades de trabalho e de competência, confirmadas exuberante e brilhantemente através da sua acção como praticante, como dirigente, como jornalista, como médico e como técnico.»

O nome do dr. Salazar Carreira está ligado à história do desporto nacional — e, em especial, à do atletismo, onde ocupa um dos primeiros lugares.

O atletismo, sobretudo, deve muito — muitíssimo mesmo — à persistente e competetisíssima acção do sr. dr. Salazar Carreira.

Por todas essas razões, pois, se torna desnecessário apresentá-lo, enumerando factos ou fazendo história.

Basta que diga: Meus Senhores — êste é o dr. Salazar Carreira, que vai falar. Oçamos o mestre!»

O nosso prezado camarada, que ao levantar-se foi acolhido com uma calorosa e pluviosada ovacão, principiou por agradecer ao Futebol Clube do Pôrto a honrosa hospitalidade que lhe dispensara e aos precedentes oradores as amáveis referências que lhe dirigiram. Diz a surpresa ao ser-lhe comunicado, na véspera pela manhã, o convite para aquela palestra, cuja oportunidade aproveitará para apreciar o panorama actual do atletismo português, em especial no aspecto referente à região portuense, onde o respeito pelas brilhantes tradições passadas e a importância da sua influência no problema nacional exigem medidas imediatas de estímulo e definitiva reorganização.

Enfrentando o tema na sua generalidade, Salazar Carreira aponta três ordens principais de deficiências que entravam o progresso e desenvolvimento do atletismo em Portugal: falta de recursos, falta de iniciativa e falta de competência técnica, as quais passa a justificar, comentando-as, para posterior conhecimento dos remédios que irá apontar.

A escassez de recursos manifesta-se pela penúria dos organismos dirigentes e pela reserva orçamental dos clubes praticantes, que tem no futebol a preocupação absorvente de cuidados e de fundos; afirma-se ainda a raridade de instalações apropriadas, e, a este propósito, se refere o conferente à indispensável necessidade de salvar a pista do Lima, que foi durante longos anos o motivo de orgulho de todos os atletas de Portugal, o objectivo ambicionado dos corredores de Lisboa, cujo melhor prémio era a satisfação, ansiosamente esperada, de pisarem a cizca do Lima, de dois em dois anos, nas provas do Nacional.

A ausência de iniciativa, que o nosso camarada analisa seguidamente, é ao mesmo tempo uma escassez de propaganda que se traduz pela nula expansão da modalidade: fortaleceram-se e progrediram algumas das equipas já formadas, mas não apareceram novas equipas de praticantes, nem o atletismo ganha terreno além dos centros onde, de longa data, possui raízes.

Embora aqui se faça sentir a influência reflexa da falta de recursos — a impedir empreendimentos sem compensação — as entidades dirigentes do atletismo são culpadas porque nunca se empenharam em mais do que promover competições entre os filiados, apenas as estatutariamente obrigatórias nalguns casos, quantas mais melhor, para encher o relatório de gerência, nas hipóteses mais favoráveis.

Quanto à crise de competência técnica, considera-se tão evidente que dispensa comentários: a quasi totalidade dos técnicos portugueses é de formação auto-didáctica e, por conseguinte, incompleta e viciada por preconceitos e teorismos. Tece rasgado elogio ao esforço insano desses raros que empenharam toda a vontade no anseio de aprenderem para ensinar e reconhece o direito que lhes assiste de ajuda competidora, ou de um emprenhimento que assegure a continuidade da sua obra.

Falta, infelizmente, quem seja capaz de criar escolas. Aprovegar a própria competência e ganhar fama à custa da insistência no auto-elógio, é relativamente fácil, mas o pior é quando se trata de passar das palavras aos factos.

Procurando correctivo a este conjunto de circunstâncias inibitórias do progresso da modalidade, o dr. Salazar Carreira aponta, entre várias medidas, a instituição de cursos de treinadores — como há anos propuzera em vão à Associação de Lisboa, a intensificação da prática do atletismo na «Moçidade Portuguesa» e a incorporação de provas atléticas nos programas dos torneios oficiais de futebol.

Aplicado, por fim, as suas considerações ao caso específico do atletismo portuense, o orador aponta como de agravamento geral, sobretudo evidente numa incompreensível crise dirigente.

Insiste na urgência de solução a bem de uma causa de importância nacional e exorta todos os que o ouvem a abalhoar afinadamente nesse sentido, dirigindo apelo directo ao Futebol Clube do Pôrto, o mais representativo dos clubes desportivos da cidade, para que empenhe todo o poder da sua popularidade e a autoridade do seu bairro, tomando a iniciativa de um movimento que não se desenvolve ainda porque, incompreensível e lamentavelmente, todos continuam a esperar uns pelos outros.

Ao terminar, o nosso estimado redactor recebeu outra ovacão entusiástica, que jamais lhe esquecerá.

Fez-se, depois, uma distribuição de medalhas aos atletas vencedores do último torneio inter-sociedades do F. C. do Pôrto, tarefa para a qual muito gentilmente foi convidado o dr. Salazar Carreira.

O nosso camarada Mário de Oliveira, em seguida, agradeceu as palavras amigas dirigidas à STADIUM, após o que o sr. dr. Cesário Bonito encerrou a sessão, garantindo que o F. C. do Pôrto se ia interessar de verdade pelo atletismo.

Por fim, a Direcção do F. C. do Pôrto fez retirar na sua sala de Direcção alguns convidados, a quem ofereceu um Porto de Honra, que deu motivo à troca de estatísticas brindes, com especiais referências para a STADIUM e para o dr. Salazar Carreira.

Em síntese: a nossa iniciativa veio dar «alma nova» ao atletismo portuense, resultando numa manifestação de fé, digna de realce. Mas digamos, também, que para o êxito da nossa iniciativa em muito contribuiu a colaboração do F. C. do Pôrto, a quem ficamos imensamente gratos.

«HOCKEY» EM CAMPO

Começou o vigéssimo campeonato de Lisboa — com vento, chuva e alguns incidentes reprováveis...

PARECE que alguém deitou mau olho ao «hockey» em campo — modalidade desportiva que, precisamente por utilizar «sticks», só os desportistas dignos do nome deviam praticar. E pése, embora, aos autênticos «gentlemen» praticantes deste divertimento desportivo — que constituem, valha a verdade, o maior número — nem toda a gente compreende o significado do jogo. Vem este introito a propósito de sucessos, havidos nas Salésias, no decorrer do encontro Belenenses-Atlético, que se generalizaram e impediram a continuação da partida. Não culpamos ninguém: simplesmente apontamos o facto, que merece realmente ponderar-se.

Futebol Benfica e Hockey defrontaram-se galhardamente, lutando os jogadores do seu entusiasmo habitual. Houve só um vencedor os benfiquenses em reservas. E muitíssimo bem, diga-se desde já. No jogo principal registou-se o empate de 0-0, a despeito do esforço de todos, contrariado pelo estado do terreno, enlameado e alagadíssimo. Nessas condições — as dificuldades aumentavam, como aumentaram. Por isso o empate aceita-se em tudo — qualidade do jogo desenvolvido na circunstância, já que as possibilidades eram diminutas, e condições em que o encontro foi disputado: em terreno coberto de lama.

Em síntese: a primeira jornada do vigéssimo torneio lisboense de «hockey» não teve a fortuna por si...

Daniel Teixeira

Oficina de calçado desportivo do Beato Especializada em todos os artigos para desportos — Calçado e botas tipo alentejano e «Moçidade Portuguesa»

Telefone 3 8278

CALÇADA DUQUE DE LAFÕES, 5
L I S B O A



Aspectos
da 1.^a jornada da
"TAÇA
de
PORTUGAL"



A «IMPÉRIO» é a única Companhia autorizada a cobrir os riscos derivados das práticas desportivas. Seja previdente, adquirindo uma apólice da «IMPÉRIO» — a Companhia de Seguros que dispõe de maior capital

COMPANHIA DE SEGUROS «IMPÉRIO»
Rua Garrett, 56 — LISBOA

ATLÉTICO-BELENENSES: 1 — Ventura falhou a interceptação e Mário Coelho, pleno de oportunidade, remata o 1.º «goal» dos «azuis» — sem defesa possível; 2 — Depois de girar perigosamente em frente às redes, a bola vai parar aos braços de Salvador, mesmo no solo... 3 — Um momento de aflição para as redes belenenses, nos últimos minutos. UNIAO DE COIMBRA-OLHANENSE: 4 — A luta junto das redes conimbricenses. SALGUEIROS-ACADEMICA: 5 — Acácio, sempre decidido, arrebatou a bola a Alfredo e salva um ponto certo. F. C. PORTO-SPORTING: 6 — O centro de Araújo que C. Dias aproveitou para marcar o 1.º ponto nortenho; 7 — Após a queda de Cardoso, Lourenço consegue rematar — para fora; 8 — O mesmo Lourenço ganha na luta com Marques. UNIDOS-ESTORIL: 9 — Apesar da carga de Tanganho, Valongo consegue captar a bola



A equipa de Lisboa venceu e convenceu

resgatando a desilusão do domingo anterior

A selecção lisboense de «handball» conseguiu no domingo, no Pôrto, desmentir, com exibição de indomita energia e apreciável relvêo técnico, as críticas pessimistas que consagraram à sua apagada apresentação precedente, os analistas contemporâneos e até um companheiro que se lembrou de tocar rabecão...

Quem presenciou os dois encontros, como nós, é obrigado a considerar com surpresa o profundo antagonismo que separa, a tão curto intervalo, o procedimento do agrupado de jogadores da capital. Há males que vêm por bem — e desta vez aconteceu que o côro de censura e descrédito nos seus recursos, em vez de gerar desânimo, como era possível, serviu de poderoso estimulante ao brio d'esses rapazes, que sabiam de certeza a verdadeira medida das suas possibilidades.

A vitória que os lisboetas foram buscar ao Pôrto serviu de contrapóva para indicação da verdade, na divergência de opiniões que se estabeleceu entre os que consideraram prova de insuficiência real a má exibição do Lumiar e os outros, poucos, que a consideraram manifestação anormal, difícil de repetir.

Ouvimos, depois do jogo de domingo, no campo do Luso, o parecer de umas tantas individualidades reconhecidamente competentes no meio do «hand ball», com o qual queríamos fortalecer o nosso critério pessoal — que poderia parecer interessado: a versão foi unânime em considerar escassa tradução da superioridade afirmada, durante o encontro, pela equipa lisboeta, a diferença final da pontuação — que, em boa verdade, a totalidade dos consultados me indicou correspondente a três bolas de vantagem.

Lisboa melhorou — ou piorou o Pôrto?

Os resultados dos dois jogos inter regionais da época, no conjunto favoráveis à representação sulista, colocam em plano de flagrante actualidade a questão de saber se o nivelamento ou inversão de valores se deve atribuir a subida da classe dos lisboetas ou a declínio do consagrado valor portuense.

Parece nos que a realidade equivale a um mixto das duas hipóteses: Lisboa subiu e o Pôrto baixou, mas o caminho percorrido pelos primeiros é mais longo que o dos segundos.

O «handball» lisboeta ganhou consciência na arquitectura do esquema de jogo, sentido de posição na guarda do terreno e espírito de organização colectiva no ataque. Com o campo em mau estado, enapado pela chuva, toda a equipa compreendeu a necessidade de substituir a progressão em batimentos pela progressão em passes de homem a homem.

Os portuenses conservam o seu estilo peculiar, mas algumas das suas estrélas começam a apagar-se e os substitutos não os equivalem; será, portanto, crise individual — se quisermos admitir que existe crise. Os avançados, que foram a linha vulnerável da equipa, estiveram longe da eficácia realizadora dos famosos quintetos das áureas épocas, mas há uma circunstância para ponderar no julgamento da sua acção em campo e nos autoriza a afirmar, também, que esses avançados não attiraram a baliza porque a opção dos adversários se sobrepôs aos seus esforços atacantes.

Vejamos: disse-se unanimemente que a presença de Fabião e Rodrigues no jogo do Lumiar (não acrescentamos Gomes, porque está inutilizado para a época, nem o famoso José Manuel, porque nos informaram recusar-se a alinhar fora do grupo do seu clube) teria bastado para decidir o desempate. Afinal, os dois celebrados jogadores alinharam no domingo e nada conseguiram fazer, o mesmo sucedendo ao outro extremo, Alberto, jogador de classe equivalente. Porquê? Simplesmente porque os médios alas e os defesas lisboetas não consentiram que eles aproveitassem a sua real categoria de perigosos realizadores.

Jogo e jogadores

Lisboa marcou os dois pontos, a meio do primeiro meio-tempo (Vicente) e nos primeiros

segundos do segundo meio-tempo (Marreiros); o Pôrto obteve o seu a dez minutos do fim, por um livre de Fabião, que Délio só defendeu depois da bola ter transposto a linha fatídica.

O guarda-redes portuense fez 12 defesas na primeira parte e 13 na segunda, e pôs 8 vezes a bola em jogo, após remates para fora; os números correspondentes em relação ao guarda-redes lisboeta foram 6, 4 e 7.

Na meia hora inicial foi mais acentuada a supremacia dos visitantes, desconcertando os contrários com a rapidez das suas jogadas e as magníficas antecipações e intercepções das suas linhas média e de defesa. Depois do intervalo, sobretudo depois da troca de Alberto para interior, os portuenses mostraram-se mais agressivos e apouquentaram mais a defesa adversária; os remates, contudo, foram sempre raros.

Miranda, incontestavelmente o primeiro médio centro portuense, teve exibição brilhantíssima; foi senhor absoluto na facha central do terreno e conseguiu captar tantas bolas, cujo destino era outro, algumas vezes com inverosímil sentido de oportunidade, que acabou por desorientar o trio central adversário e destruir-lhe todos os propósitos de entendimento.

Correia César e Macaia igualaram-se na tarefa de implacável marcação dos extremos, cuja acção ofensiva reduziram praticamente a zero; o primeiro, foi mais completo no seu trabalho porque dentro da sua forma habitual de jogar, foi sempre o sexto atacante quando a bola se encaminhava para a baliza portuense.

A parrelha Natividade-Almeida manteve permanente autoridade na sua área de defesa; o primeiro, embora não repetisse a extraordinária exibição do Lumiar foi o mais brilhante dos dois pelas suas intercepções espectaculares mas o companheiro, seguro e laborioso, encontrou-se sempre onde era preciso, cumprindo sem um castigo a sua difícil missão.

Délio excedeu-se no empenho de salvar as suas redes; três defesas em vôo, a bolas altas atiradas aos cantos, pareciam impossíveis. Não se lhe pode apontar um deslize, muito menos qualquer responsabilidade no ponto «frito» e no qual a bola, aliás, lhe ficou bem segura nas mãos.

No quinteto da frente destacaram-se Vicente, uma vez mais o melhor rematador, e Pimenta, cuja actividade e sacrificio na luta ultrapassaram quanto se lhe poderia exigir. Seja aproveitado bem a liberdade que lhe deu o adversário e Pereira foi muito mais produtivo no seu posto costumado de extremo; Marreiros foi o mais fraco elemento do grupo, porque tentou em prender a bola e «driblar» o defesa, peito a peito, em condições que nunca podiam ser-lhe favoráveis.

O grupo portuense portou-se briosamente no sector defensivo, bem secundado por Teófilo, mas fálhou no sector atacante e no centro do terreno; passes mal dirigidos, excesso de trocas de bola, falta absoluta de poder penetrante.

O melhor avançado foi Alberto, quando trocou para o pósto interior e conseguiu movimentar a linha.

O encontro foi disputado com enorme vontade, rudeza sem maldade e energia sempre leal; neste capítulo fundamental apenas destoou o comportamento de Fabião, que só por demasiada benevolência do árbitro se manteve no campo até ao fim da partida.

O sr. Costa Almeida arbitrou conscienciente mas, como sempre sucede nas circunstâncias em que agiu, foi mais severo para os lisboetas, embora nunca deixasse de ser justo. As reclamações insistentes do público na parte final do jogo, a pedir castigos dos treze metros quando mais se afirmou a certeza da inutilidade da reacção do seu grupo, não tiveram o mínimo fundamento: em nenhuma das duas áreas vimos cometer falta grave que justificasse a punição máxima.

Mocidade leonina

TRESENTAS cinqüenta e duas pessoas estiveram presentes no jantar de homenagem aos jogadores de futebol do Sporting, que conquistaram o campeonato nacional, todas entusiasmadas no seu amor pelo popular clube dos «leões» e manifestando, ao mesmo tempo, o acôrdo com a intenção que originou o banquete.

Por isso, a reunião, constituiu uma verdadeira parvada de forças «leoninas», com representação das várias gerações do clube — sócios fundadores, «velha guarda», idade média e mocidade esperançosa — e das diferentes camadas que compõem uma agremiação da grandeza do Sporting — dirigentes passados, presentes e futuros; atletas retirados, ou em actividade; sócios dedicados ou massa anónima, etc.

Se, abatermos ao número total os homenageados e os convidados oficiais, temos mais ainda de trezentas pessoas que tomaram parte numa reunião festiva da sua colectividade. Isto é importante e invulgar. Tal facto confirma, numa época de materialismo como a presente, que, o espírito — mesmo o espírito clubista, como neste caso — não desapareceu por completo, felizmente!

É sob este aspecto que queremos focar a reunião sportinguista, reunião de grande categoria pela quantidade e pela qualidade dos participantes, e que teve por fim prestar homenagem, aliás justíssima, aos campeões nacionais de futebol.

Através das frases repassadas de sinceridade das individualidades que usaram da palavra, dos «vivas» e das palmas dos restantes assistentes e das manifestações de simpatia recebidas de todos os recantos do País, o Sporting viveu horas de intensa alegria, em ambiente de elevada vibração, do qual nem os estranhos puderam alhear-se. O clube parecia remooçar naquela reunião festiva. E porque às manifestações de alegria da «rapaziada» de sangue ardente e expansivo se associavam, com a maior naturalidade, os «leões» já mais maduros, há que concluir que o «velho» clube do Lumiar atravessa uma fase de rejuvenescimento que só pode provocar agrado, desde que não haja — como não há — irreverência pelo passado nem pelos pergaminhos, enobrecidos, da colectividade.

Assistimos à reunião por gentil convite dos «leões» e saímos dela com essa impressão mais vivanda. Folgamos. E conosco se alegam, decerto, todos os que ambicionam o progresso do desporto na nossa terra. O desporto é a vida, a alegria, a virilidade, a saúde do corpo e da alma — a mocidade tanto quanto possível perpetua. Pois bem: o Sporting, dos baluartes mais gloriosos da educação física em Portugal, possui todas essas virtudes. Continua jovem como sempre; está, parece um paradoxo, jovem como nunca! Há que continuar a contar com ele na primeira fila das agremiações desportivas.

RUI DE LISBOA

DE LUTO

D. Júlia Furtado de Sousa

Faleceu, há dias, a sra. D. Júlia Furtado de Sousa, tia da sra. D. Zuzina Furtado César de Almeida, esposa do nosso estimado companheiro de trabalho Manuel Nunes de Almeida.

A família enlutada, e em especial a Nunes de Almeida, apresentamos a expressão do nosso pesar.

**A PRONTO
E A PRESTAÇÕES**

Candeleros de mesa e teto // fogões a gás
Artigos para casa de banho e para electricidade

ELECTRO-GLÓRIA, LTD.
Telefone 2 4050 Rua da Glória, 20-A

Um novo campeão de Lisboa

—o G. D. E. «Os Combatentes»

ESTÁ concluída a primeira fase do duodécimo campeonato lisboeta de ténis de mesa. Por outras palavras: estão terminadas as «poules» de apuramento, restando a efectivação dos encontros de desempate e os chamados «jogos de passagem».

Não foi preciso esperar pelo último encontro para se conhecer o novo campeão. O Grupo Dramático e Escolar «Os Combatentes», cuja actuação se caracterizava por absoluta regularidade, chamou a si o primeiro lugar da mais importante prova da modalidade, ao cabo da sua nova «saída» — quando lhe faltava ainda defrontar um concorrente, que por sinal, era o mais fraco do lote.

Podia parecer paradoxal a afirmação de que este campeonato foi dos mais reñidos dos últimos tempos. E o leitor pensará: como pode ter acontecido isso, se os vencedores das 3 divisões ficaram apurados com apreciável antecipação sobre o final da prova? A resposta é fácil. Simplesmente, porque bastou haver um concorrente em cada grupo de seis, que constituem as divisões, a revelar maior homogeneidade na constituição da equipa e com a sorte de ter os demais concorrentes a «trabalharem» para si, permitindo, desta maneira, que se verificasse o referido apuramento antecipado.

Dos três vencedores — Combatentes, Liberdade e Belenenses — é inegável que foi o trio de Manuel Neves o que alcançou triunfo mais brilhante, visto haver sido o único que contou por vitórias os encontros disputados. Mas, daí a poder dizer-se que a diferença de seis pontos, separando o vencedor do Sporting e do Benfica, traduz claramente o desnível que possa haver entre o valor do «Combatentes» e dos seus mais próximos competidores — vai grande distância.

Não queremos, com isto, deminuir o mérito da vitória de «Os Combatentes», mas somente pôr as coisas no seu devido pé...

O Liberdade teve mau final de prova. Perdeu os dois últimos encontros e veio a ficar a menor distância do segundo classificado, com a vantagem de, assim, se poder formar melhor ideia das possibilidades de cada um.

O Belenenses, também se deixou surpreender na última «saída», mas, nem por isso deixou de obter margem folgada sobre o segundo. O facto, porém, aceita-se sem relutância, porque foi precisamente na II divisão que o vencedor desfrutava de mais nítida superioridade.

No último número da nossa revista analisámos, de relance, as três primeiras «ondas» da segunda volta. Hoje, ocupamo-nos das duas últimas.

Na divisão de Honra, os dois programas foram valorizados pelos encontros Sporting-Combatentes e Benfica-Sporting. Os «leões» estiveram pouco afortunados, perdendo ambos os encontros; no primeiro, viram fugir-lhes tôdas as esperanças que pudessem alimentar de vir a alcançar a vitória na prova; no segundo, deixaram que os eternos rivais — os «encarnados» — os igualassem na tabela da classificação.

Com a efectivação destes encontros, os restantes de cada uma das jornadas ficaram, implicitamente, relegados para plano secundário. E todos tiveram os resultados previstos.

Na I divisão, as vitórias do Carnide e do Picheleira, sobre o Liberdade, constituiram outras tantas surpresas. Os carnidenses, cometeram a proeza de anular uma vantagem de 4. O Internacional, também se evidenciou na fase final da prova.

Na II divisão, as honras foram para o Penha, que parecia destinado a não ganhar uma vez só. E bateu adversários bons, o Intendente e o Centro. Mas, a grande surpresa, residia, sem dúvida, na derrota do Belenenses, em frente do Intendente.

Na Promoção, vai assistir-se a uma final entre Alunos de Apolo e Lisbonense, visto que a A. Apolo se desforrou desta vez.

JOSÉ MARTINS

Conquistou para o Sangalhos D. C., nos 100 quilómetros contra-relógio, a segunda vitória da época

OS resultados das corridas contra-relógio deixam normalmente conformados todos quantos por elas se interessam: corredores, dirigentes e simpatizantes.

Se é a vitória que se conquista, ninguém pode negar-lhe o merecimento, porque, numa competição deste género, logo que os adversários lutem em circunstâncias normais, isto é, desde que não sofram qualquer avaria, o atleta vence — porque tem valor e merecimento!

Por seu turno, os que não triunfam também não deixam de se mostrar conformados, considerando até como normais e justos os resultados obtidos. Reconhece-se sempre valor aos que vencem; não se apresentam argumentos descabidos para justificar as classificações alcançadas, concluindo, quasi sempre, nas considerações feitas sobre o vencedor, da seguinte maneira: «de facto andou bem»...

A vitória do mais regular

Vêm estas considerações a propósito do triunfo, conseguido no domingo, pelo estradista José Martins, na corrida de 100 quilómetros contra-relógio, reservada a independentes e organizada pela Associação de Ciclismo do Sul, no percurso Lisboa-Azambuja-Lisboa.

Apesar de algo inesperada, essa vitória foi recebida por todos — adversários, dirigentes e público — sem a menor parcela de contrariedade, como se, também, todos argumentassem intimamente: «se gastou 2 h. 39 m. 24 s. para cobrir o percurso, isto é, menos 16 s. que o vencedor de 1943 e menos 58 s. que o homem que mais de perto se lhe igualou, ou seja João Rebêlo, é porque de facto êle foi o melhor de todos».

Juízo crítico acertado, êsse de considerar José Martins vencedor justo da corrida contra-relógio de 1944, porque foi, incontestavelmente, o mais regular dos 15 concorrentes que participaram na prova.

Até à Azambuja, a lutar com vento de feição, o que dava aos adversários mais rápidos (Lourenço, Lopes, Mourão e até mesmo Rebêlo) acentuada vantagem, Martins empregou-se de tal maneira que pouco ou nada se atrazou em relação ao seu mais perigoso competidor, que era, naquela altura, João Lourenço. E, depois, no regresso a Lisboa, com tanta regularidade pedalou que pôde anular o seu atrazo de 5 quilómetros, para passar depois, em Vila Nova da Rainha, já com uma vantagem de 1 m. 20 s. sobre Lourenço e de 1 m. 50 s. sobre Rebêlo, concluindo depois a corrida sem ser inquietado.

O melhor final de prova

Se Martins foi o mais regular, Rebêlo deve considerar-se o mais valeroso concorrente dos últimos 30 quilómetros. No Carregado, ainda o Campeão nacional de 1943 trazia 1 m. 55 s. de atrazo em relação a Martins; no entanto, apesar da cadência de marcha deste corredor ser de 105-110 pedaladas por minuto (média 37 quilómetros), Rebêlo conseguiu ganhar ao vencedor, entre a Castanheira e Lisboa, perto de 1 minuto. Isto diz tudo acerca do seu comportamento na parte final da corrida.

Também teve a primeira metade da corrida o seu grande homem. Êste foi João Lourenço, que gastou de Lisboa à Azambuja — 50 quilómetros: 1 h. e 16 m. levando à sua frente um corredor que «andava» — Rebêlo, o sportinguista tentou, de certo, colocá-lo pelo menos em «ponto de mira», e isso proporcionou-lhe média excelente até ao princípio da segunda metade da competição. Todavia, logo que iniciou o regresso à capital, a fadiga por um lado e o vento por outro, fizeram com que Lourenço fôsse alcançado, em tempo e depois ultrapassado por Martins e Rebêlo.

Mas tudo tem a sua compensação. Se Lourenço não satisfaz em absoluto os nossos desejos de crítico, o seu pupilo Mourão — excedeu a nossa expectativa para esta corrida.

O seu quinto lugar — melhor, é certo, que o

tempo gasto — deve dar-lhe certa confiança nas suas possibilidades, pois serviram para demonstrar que, mesmo sem ser «colado», também pode classificar-se.

Sobre os restantes independentes, houve nesta prova um desnível muito grande nas médias alcançadas pelos classificados a partir do quarto lugar. Túlio Pereira ficou a mais de 7 minutos de Lourenço; Jacinto cedeu um pouco na última vintena de quilómetros; Inácio pareceu-nos em mau dia; Lopes melhor que em 1943, apesar de não lhe ser favorável a a manha chuvosa; Bartolomeu Aristides e Noé, dentro das suas actuais possibilidades, fizeram provas aceitáveis; José Ferreira infeliz com avarias, não pôde evidenciar-se; e Jorge Pereira, David Silva e José Serra, ainda com preparação insuficiente para corrida tão dura.

Resultados: 1.º — J. Martins (2 h. 39 m. 24 s.); 2.º — Rebêlo (2 h. 40 m. 24 s.); 3.º — Lourenço (2 h. 41 m. 42 s.). Depois classificaram-se Túlio, Mourão, Jacinto, Lopes, Inácio, Aristides, Bartolomeu, J. Ferreira, Jorge Pereira, D. Silva e J. Serra.

Os 100 quilómetros dos amadores

Foi meritório o comportamento dos amadores seniores na prova que disputaram, tanto mais que a distância era longa de mais para a sua categoria. Com quilómetros contra-relógio são mais fatigantes e «desgastam» em maior parcela, que 150 ou 180 quilómetros em linha. Por isso só se impuzeram nesta prova os homens que de facto possuem uma classe aparte, em relação aos restantes concorrentes. Foi, entre êsses homens, dos quais foi relegado Baptista Alves, por avaria, que se travou a luta para as primeiras classificações — definidas como segue:

1.º — Elias Santos (2 h. 49 m. 54 s.); 2.º — Rocha (2 h. 58 m. 54 s.); 3.º — E. Ribeiro (2 h. 58 m. 54 s.); 4.º — Tavares da Silva (2 h. 58 m. 55 s.); 5.º — Aristides Paulo (3 h. 21 s.).

Os 75 quilómetros dos juniores

Estiveram algo distantes do melhor tempo de 1943 os primeiros classificados desta corrida de juniores. No entanto, dadas as desfavoráveis condições em que a prova se disputou, não deixa de ter valor a média atingida pelo vencedor, o qual demonstrou possuir, em relação aos adversários, mais classe — e sobretudo maior poder.

Resultados: 1.º — M. Catarino (2 h. 13 m. 12 s.); 2.º — Joel (2 h. 15 m.); 3.º — F. Pereira (2 h. 16 m. 15.); 4.º — M. Domingues (2 h. 33 m. 8 s.); 5.º — Maximiano Silva (2 h. 24 m. 10 s.). Chegaram mais 4 corredores — GIL MOREIRA.

IMPÉRIO DOS SANTOS

é campeão regional do Norte

COM a prova de 150 km, disputada no primeiro Porto-Aveiro-Porto, completou-se o campeonato deste ano.

Deve dizer-se que Império dos Santos venceu, sem dificuldades, o conjunto das competições exigidas pelo regulamento, com excepção desta última. Ao seu poder de recuperação ficou devendo a pontuação que obteve na última prova.

Os 130 km. foram percorridos debaixo de mau tempo, pelo que a média a horária foi baixa. O trajecto fez-se em marcha cadenciada, quasi que em pelotão, dando entrada na meta um grupo de cinco corredores, que se bateram pelo primeiro lugar, ao «sprint».

Aniceto Bruno, do F. C. P., arrancou bem e classificou-se à frente, com 5 h. 09 m. Seguiram-se: Manuel Cardoso, do Acad., Belmoir Correia, idem, Império dos Santos, Salg., e José Pardo do F. C. P., todos no mesmo tempo. Depois, vieram Manuel Pereira, do Salg. com 5 h. 09 m. e 30 s. e, finalmente, Carvalho Marques do F. C. P., com 5. 09 m. e 50 s.

Os seniores e juniores disputaram a prova Porto-Estarreja-Porto, vencendo, e o seniores, João Rebêlo do Rio Leça, com 5 h. 16 m. seguido de António Carlos, do mesmo club; em juniores ganhou Serafim Walgood, do Vilanovense, com 4 h. e 15 m. e depois Serafim Teixeira, do Motosinhos.

Em iniciados, venceu João de Sá, do F. C. P., em 1 h. e 20 s. (50 km), sendo segundo Júlio Barros, do Rio Leça.



O atleta olímpico Manuel Dias visto no «Grande Prémio de Cross», no passado domingo

De vendedor de jornais
a atleta
OLÍMPICO

MANHÃ cedo, quando os pregões enchem o ar, distinguem-se as vozes dos «ardinas», reclamando alegremente os jornais, de mistura com as dos outros vendedores — legião de gente humilde e trabalhadora, que serve o povo sem mostra de fadiga. Mas os «ardinas» constituem uma classe à parte, simpática, por isso mesmo querida de todos. E' vê-los a correr, ofegantes, por avenidas e ruas, sacola pendente, onde se amontoam revistas e jornais — mensageiros da alegria e da tristeza, da civilização e da maldade humana. Esses rapazes, todos eles bons corredores por necessidade do ofício, são, em geral, desportistas natos! Se a sua própria vida é desporto, facilmente se explica que muitos deles venham a ser bons atletas. E, na verdade, assim tem sucedido — porquanto a humilde classe dos vendedores de jornais tem contribuído eficazmente para engrossar as fileiras dos praticantes do atletismo de competição. A luta começa quando a venda principia, por esses bairros fora, onde cada um quer chegar primeiro, e continua mais tarde, na estrada ou no estádio, para acabar somente sobre a linha de chegada — a meta ambicionada por todos.

Podiam citar-se vários nomes de campeões do atletismo que foram, e alguns ainda são, vendedores de jornais. Mas preferimos lembrar aqui, simplesmente, um de entre muitos — o maior de todos: Manuel Dias. Atleta de temperamento extraordinário, dir-se-lhe de raça, illustrou durante anos consecutivos o atletismo português, esmaltando a sua carreira brilhantíssima de triunfos memoráveis e inesquecíveis. A sua figura franzina, na aparência, mas fortalecida por arcabolo rijo, de boa tempera, é conhecida do Portugal desportivo. O seu nome ecoou por toda a parte, como arauto de uma ideia nobre. E ninguém, decerto, desconhece o atleta, porque se afirmou e venceu por mérito próprio. Manuel Dias bem merece a consagração pública — a que somente têm já os verdadeiros, os autênticos campeões.

A carreira deste atleta extraordinário começou cedo. Ainda rapazito. Seu pai era chefe de venda de jornais — e o filho teria, naturalmente, de seguir-lhe as pisadas. Madrugada ainda, quando os «ardinas» saíam para a rua, o pequeno Manuel, lívido e audaz, era sempre quem vinha à frente. Aquilo arreliava os demais — e então começaram a preparar-lhe armadilhas... Mas ele não se importava — continuando sempre a correr mais do que os outros. E um dia teve uma ideia luminosa — logo posta em prática, de acordo e com o auxílio de outros rapazes da sua idade: a criação de um clube destinado exclusivamente à prática das corridas pedestres. Assim nasceu o Picheleira Atlético Clube. E foi aí, envergando a camisola daquela modesta colectividade, que o humilde vendedor de jornais principiou a sua carreira desportista — carreira que viria a ser aureolada de glória.

Manuel Dias passou depois ao Sporting, cujo «jersey» vestiu pela primeira vez em Agosto de 1926 — nos campeonatos nacionais. E ganhou então, oficialmente, a sua primeira prova: os 5.000 metros. No final da temporada de 1931 mudou-se para o Benfica, mas só correu, pelo seu novo clube, no primeiro dia do ano seguinte, num «cross» que também ganhou. Para quê enumerar-lhe os triunfos, se eles são tantos? Basta dizer que Manuel Dias conquistou 21 títulos de campeão nacional e 19 títulos de campeão de Lisboa. Foi «recordman» por oito vezes, detendo ainda os melhores tempos nas provas de 4.000 e 5.000 metros, dos 30 quilómetros e da maratona.

Correu em Berlim, em Londres e em Barcelona, representando galhardamente o atletismo português. Que mais era preciso — para garantir um «nome» no desporto nacional?

Citem-se, a propósito, alguns dos melhores feitos de Manuel Dias — um vendedor de jornais que foi atleta olímpico: «recordman» da maratona (2 h. 30 m. 38 s.); dos 30 quilómetros (1 h. 42 m. 2 s.); dos 5.000 metros (15 m. 25 s. 8/10), batendo também, nesta corrida, os «records» dos 2.000 metros (5 m. 52 s. 6/10), dos 3.000 metros (9 m. 0 s. 6/10) e dos 4.000 metros (12 m. 14 s.), dos quais ainda lhe pertence o último; e da milha (4 m. 44 s.). Foi 21 vezes campeão nacional: dos 5.000 metros (8), de «cross» (7), de 1.500 (3), de 10.000 e das estafetas de 4x800 e 4x1.500 metros; conquistou 19 títulos regionais: de «cross» (7), de 5.000 (5), de 1.500 (3), de 800 e 10.000 metros e das estafetas de 4x800 e 4x1.500. Ganhou três estafetas Cascais-Lisboa, uma Volta a Lisboa, sete corridas de maratona e três de 30 quilómetros — todas elas equivalentes a campeonatos nacionais de grande fundo. E, como se isto não bastasse, teve ainda a honra de representar Portugal nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, correndo a Maratona Olímpica, e de ir a Londres, no ano seguinte, disputar a Maratona da Coroação, classificando-se brilhantemente em 2.º lugar.

Mas a hora da despedida havia de soar... Não que o extraordinário atleta esteja «liquidado» para o desporto de competição — mas a verdade é que todos têm, um dia, de abandonar. E Manuel Dias, embora de classe excepcional, não podia fugir à regra. Deixa, é certo, as práticas desportivas com saúde — e tem de quê! — mas ainda com possibilidades de «fazer figura» ao lado de muitos novos. A sua festa vai ter retumbância em todo o país, como não podia deixar de ser. De que consta? E' ainda segredo...

Mas pode levantar-se um pouco o véu: Manuel Dias correrá pela última vez como vendedor de jornais e ao lado de companheiros de trabalho, campeões como ele; não haverá representação de clubes — mas sim a de uma classe: a dos simpáticos «ardinas». Dar-se-á, deste modo, feição popular ao festival de despedida. E irá depois às capitais de distrito — e a outras terras, que os convites são muitíssimos — despedir-se também do «seu» querido público, recolhendo então as palmas da glória.

Para terminar, uma «novidade»: o atleta que em Berlim e em Londres assombrou os médicos pela robustez física e excelência de funcionamento do coração, está a escrever as suas memórias, que conta retinir em livro a publicar brevemente.

Jorge Montelro



DOMINGO DESPORTIVO



ATLETISMO — No «Grande Prémio de Cross»: 1 — A partida; 2 — Na última volta, João Silva, o vencedor, e Afonso Marques, 2.º clss., seguem a par. RUGBY — Campeonato de Lisboa: 3 — Uma fase do Jogo Atlético. Belenenses, ganho pelos alcantarenses. CICLISMO — Em Lisboa: 4 — José Martins ganha os 150 km. contra-relógio; 5 — Dias Santos, vencedor da prova de amadores. No Porto: 6 — A chegada do «Porto-Avelro-Porto»



CAMPOS DESPORTIVOS DO PÔRTO

Os campos desportivos do Pôrto atravessam um período de crise ou de perigo. O Leça ficou sem o campo no decurso do ano passado — e levou muito tempo para conseguir outro. O problema do campo de jogos do Futebol Clube do Pôrto arrasta-se, há mais de um ano, depois de se verificar que o da Constituição não tem condições bastantes para um grande clube. «O Século», nosso estimado colega, falou, há dias, no Estádio do Lima, do Académico, dizendo, com surpresa para muita gente, que o terreno vai ser posto em praça, por causa dos termos em que tem de ser executada a herança da antiga proprietária. E também o no-so prezado colega «Diário de Notícias» se referiu, dias depois, ao perigo que correm os campos do Bonavita e do Ameal.

Parece, pois, que sopra um vento de desventura sobre os terrenos de desporto do Invicta. E correm perigo grave, que pode ser de morte, dois campos que são dos mais antigos e melhores do norte do País. O Estádio do Lima, onde o Académico tem gasto muito dinheiro, reúne condições especiais para três desportos — futebol, atletismo e ciclismo. E inclui o único terreno de relva que há no norte para a prática do futebol.

Dentro da função educativa que lhe corresponde, e da sua própria função social, o desporto deveria merecer sempre, por parte dos poderes públicos, uma protecção que bastasse para não aparecerem estes perigos, de vez em quando. Pelo dinheiro que gastou na construção e manutenção do seu belo estádio do Lima, e pelo seu largo espírito de iniciativa, o Académico seria digno da ter algumas garantias, em defesa do seu campo. Nesta emergência, recebeu, todavia, pelo que se deprende das notícias vindas a público na imprensa diária, provas de interesse de várias entidades oficiais. O seu esforço em prol do desporto não passou despercebido — num momento de perigo para as suas instalações e para a continuidade da sua missão. Mas é de desejar que o ambiente de simpatia, criado em torno do antigo clube, encontre solução prática e rápida para o assunto.

Por nossa parte, tendo avaliado as dificuldades que alguns antigos e prestimosos clubes venceram crises provocadas pelo sacrifício dos seus campos, e apreciando devidamente o esforço dos clubes portugueses na defesa de uma obra que os prestigia, fazemos sinceros votos por que seja possível encontrar forma de não prejudicar os clubes agora em perigo.

XADREZ

A meio do torneio inter-clubes BELENENSES E COSTA DO SOL marcham à frente da classificação

O IV torneio de xadrez inter-clubes, interrompido devido à quadra festiva da Páscoa e também para dar lugar ao encontro Lisboa-Pôrto, voltou a disputar-se com crescente entusiasmo.

Concluída a 5.ª sessão — portanto passada já metade da prova — a ligeira consulta da tabela das classificações permite verificar a normalidade das posições conquistadas, se bem que em análise mais profunda se comprove que os números não correspondem absolutamente ao que seria lógico esperar-se.

No momento em que escrevemos, a posição é a seguinte: 1.º, «ex-aequo», Belenenses e Costa do Sol, 12 pontos (75%); 3.º, Benfica, 10 pontos; 4.º, Clube dos Caçadores, 8,5; 5.º, «ex-aequo», I. S. Técnico, Paladium e Imprensa Nacional, 7,5; 8.º, Hockey Clube, 5,5; 9.º, Barreiro, 5; 10.º, Instituto Britânico, 4,5 pontos.

Belenenses e Costa do Sol ocupam, com justiça, os primeiros postos. A equipa do Benfica, apesar da exibição irregular de alguns dos seus elementos, enfileira, mesmo assim, no núcleo dos favoritos. Segue-se de perto o Clube dos Caçadores, que venceu precisamente os «encareados» na 3.ª jornada, por 3-1. Para o 5.º lugar apresentam-se, com igualdade de pontos, nada menos de três equipas — de valor bastante aproximado entre si. Supomos mesmo que será este o sector que maior movimento registará no decurso da prova, pela homogeneidade dos grupos interessados na posição. Em 8.º lugar, um tanto deslocado em relação às possibilidades da sua representação, marcha o Hockey Clube — com reduzida pontuação. Tem a justificação o facto de ter defrontado as três mais fortes equipas.

Portunamente falaremos das classificações individuais, que englobam cerca de cinquenta xadrezistas. Entretanto, salientando desde já a actuação de Rui Nascimento (Benfica) e António da Silva Ramos (Belenenses), que contam por vitórias nas partidas disputadas,

Cavalos e Cavaleiros

I — POTROS NA PASTAGEM

ABRIMOS a série de artigos prometida — simplesmente de divulgação e nunca, acentue-se uma vez mais, de carácter dogmático — subordinada ao título geral de «cavalos e cavaleiros», com o capítulo primário e ao mesmo tempo principal: Potros na pastagem. E isto porque, tal como a criança, o cavalo precisa de cuidados especiais — desde que nasce até que se torna adulto. São regras elementares — mas a que, na generalidade, nem sempre se tem concedido, (aqui referimo-nos aos criadores, à grande parte dos criadores de raças cavалares) a importância devida; e, na emergência, todas as cautelas são poucas, bastando um simples nada (na aparência insignificâncias...) para que o animal crie defeitos logo de pequeno, às vezes impossíveis de tirar à medida que vai crescendo e adaptando-se a novas condições de vida, por consequência destruindo-lhe tendências naturais (ou não as descobrindo, o que é pior) e inutilizando-o para o que se pretende dele.

O aspecto da manada na lezíria é interessantíssimo — até no mais pequeno pormenor; desde logo começam os cuidados que devem merecer ao lavrador, não somente os potros como também as mães, na primeira fase da criação, afim de se evitarem os defeitos orgânicos que possam aparecer no animal, e até os efeitos externos provenientes de ferimentos, mordeduras, torceduras e escoiceamentos que lhe ficam marcados para sempre no corpo como ferro em brasa! Repita-se: toda a cautela é pouca. Por isso é preciso ter em atenção que o potro é como uma criança, na sua fase primária.

Aconselhar de aqui, ao criador de animais daquela espécie, o que deve fazer-se lhes no período de aleitamento até o desmame, não é função que esteja ao nosso alcance, mas sim exigir-se-lhes a cautela necessária, que a devem ter sempre e enquanto o animal não esteja completamente «formado». A amarração das crias ao rabo das «filhadas» require, por exemplo, trabalho de pessoal especializado, o qual deveria principiar pela escolha dos reprodutores.

A reprodução é um pormenor importantíssimo e a escolha dos reprodutores deve ser convenientemente fiscalizada por pessoal habilitado: em regra, aqueles animais devem estar separados da manada, pelo menos nos primeiros seis meses da criação dos potros, deixando assim caminho absolutamente livre às mães para que cuidem dos filhos como convem. Isto não é hábito adoptado entre nós — e tem, como é de calcular, os seus perigos.

Na infância do animal é conveniente, até aconselhável, tirarem-se-lhes as características — e só assim poderá ajuizar-se da sua crença natural: para a sela ou para tiro. Mas aqui trata-se já de trabalhos de técnica, que não

estão na índole destes artigos de simples divulgação.

Quando as características do potro sejam as da primeira hipódote (crença para a sela) é preciso ver-se ainda qual a sua tendência principal: se de corrida, salto ou «concentrados», como também a provável adaptação do animal para torneio ou alta escola.

Durante a época do afilelamento, na manada, a alimentação terá de ser especial, diferente daquela que se dá ao potro, é à própria mãe, depois ou mesmo no período de desmame. Também é conforme a época do ano em que tal se dá e consoante as qualidades de pastos e as regiões onde são feitas as criações.

Tem sido esquecida em absoluto a educação racional do potro para montada de desporto. Anote-se que, segundo a opinião autorizada dos grandes técnicos ingleses — e até de alguns portugueses — há mais naturalidade na corrida do potro oriundo da charneca (ex: Ribatejo, Alentejo, etc.) e, para obstáculos, nos animais nascidos em regiões valadinas ou de carácter irregular. Não esquecer que é conveniente, na primeira das hipóteses, o afastamento dos animais em formação de terrenos arenosos ou argilosos, devido em grande parte às deficiências de pastos nas primeiras (regiões arenosas) e à pouca consistência alimentar nas últimas (regiões argilosas). Qualquer destas duas qualidades de terreno inclui consideravelmente na constituição do corpo do animal, pormenor da criação que também não deve descuidar-se.

Regra geral, os nossos lavradores não cuidam de tirar partido de todas as crenças e tendências naturais dos potros, nem de lhes aproveitar as características principais. No capítulo desportivo, então, pensa-se pouco, se bem que os portugueses sejam excelentes cavaleiros. Mas não se atende à educação do animal para as práticas desportivas — especialmente de concurso e com obstáculos — quando era de toda a conveniência que houvesse mais cuidados na especialização dos animais.

Essa educação — desde que o potro tenha tendência para corridas — devia fazer-se naturalmente, com regra e segundo métodos adoptados nos grandes centros estrangeiros do género, nunca de chofre, porque é prejudicial e pode inutilizar um cavalo, por melhor e mais resistente à fadiga que ele seja.

Aos pequenos equídeos naquelas condições deve dar-se diariamente uma corrida simples, na campina, em espaço curto, de molde a fazê-los seguir sempre (este pormenor é importantíssimo) de «cabeca ao estribo», mantendo-se-lhe uma passada certa, tanto melhor quanto mais donairoza. Há sempre perigo quando o animal fica para trás do «conductor» e perde a estribeira do cavaleiro que treina — porque, nesse caso, adquire defeitos que o hão-de prejudicar, fatalmente, mais tarde, quando já adulto.

No próximo artigo falaremos da amansia, na generalidade, e das escolhas dos animais conforme as suas crenças naturais o aconselham.

IMPRENSA

«Diário de Lisboa»

Festou há pouco mais um aniversário este nosso prezado colega da imprensa diária, ao qual nos ligam sólidos laços de camaradagem e onde contamos velhos amigos, que muito prezamos.

Ao sr. dr. Joaquim Manso, seu ilustre director, e a todo o corpo redactorial, apresentamos, com os nossos melhores cumprimentos, afectuosos votos de prosperidades.

«Sporting»

Também este nosso colega portuense comemorou há dias a passagem de mais um ano de trabalho. Da mesma forma lhe auguramos longa vida.

«O Volante»

Está à venda mais um número de «O Volante», publicação técnica de automobilismo, agora ampliada com uma larga secção sobre a aviação mundial. Apresenta-se, como sempre, com escolhida colaboração e tratando assuntos de interesse.

ANO XII — Lisboa, 19 de Abril de 1944 — II SÉRIE-N.º 72

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA
Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e Impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e Impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



1
Délio, "keeper" lisboeta, na defesa que proporcionou ao Porto o ponto de honra

2
Jogada de bom movimento na área de remate de Lisboa

3
Outra fase do "match", num ataque à balisa portuense



"STADIUM" NA CAPITAL DO NORTE — UMA PALESTRA SÔBRE ATLETISMO PROMOVIDA PELA NOSSA REVISTA

O nosso redactor dr. Salazar Carreira proferiu na séde do Futebol Clube do Porto, por iniciativa da "Stadium", uma fluente palestra sôbre atletismo, a que fazemos referência noutra lugar. As gravuras mostram a direcção do F. C. Porto e os seus convidados após o "Porto de Honra" (1) e o nosso distinto colaborador durante a conferência (2).

